

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: POR ONDE VAI UMA PRÁXIS EDUCATIVA

The unprecedented viable in the training of teacher of basic education: where an educational praxis goes

El viable inédito en la formación docente en educación básica: hacia dónde va una praxis educativa

Camila Lima Coimbra*

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.152-176>

Resumo

Este relato de experiência reflete sobre uma práxis educativa na formação de professores/as da Educação Básica, iniciada em 2017, com a disciplina Princípios Éticos Freireanos, optativa para os Cursos de licenciatura e ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia que culminou na criação do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF-UFU). Assim, torna-se objetivo deste relato revelar os inéditos viáveis que foram construídos nessa práxis. Como romper com uma lógica disciplinar? Quais os desafios para uma práxis freireana? Como aprender a teoria e a prática em uma perspectiva freireana? Problematizações que acompanham as contradições de uma práxis educativa desenvolvida coletivamente. Também foi abordada a necessidade de uma práxis compartilhada em um exercício docente rigoroso e amoroso, em busca de perspectivas para a formação de professores/as para a Educação Básica.

Palavras-chave: Formação de professores; Educação Básica; Princípios Éticos Freireanos.

Abstract

This experience report reflects on an educational praxis in the training of teachers of Basic Education, started in 2017, with the Freirean Ethical Principles discipline, optional for Licentiate Courses and offered by the Faculty of Education of the Federal University of Uberlândia that culminated in the creation of the Freirean Studies and Research Circle (CEPF-UFU). Thus, it becomes the objective of this report to reveal the unpublished viable that were built in this praxis.

How to break with a disciplinary logic? What are the challenges for a Freirean praxis? How to learn theory and practice from a Freirean perspective? Problematizations that accompany the contradictions of an educational praxis developed collectively. The need for a shared praxis in a rigorous and loving teaching exercise was also addressed, in search of perspectives for the training of teachers for Basic Education.

Keywords: Teacher training; Basic education; Freirean ethical principles.

Resumen

Este relato de experiencia reflexiona sobre una praxis educativa en la formación de profesores de Educación Básica, iniciada en 2017, con la disciplina Principios Éticos Freireanos, optativa para los Cursos de Licenciatura y ofrecida por la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Uberlândia que culminó con la creación del Círculo de Estudios e Investigaciones Freireanos (CEPF-UFU). Así, se convierte en objetivo de este informe desvelar las viabilidades inéditas que se construyeron en esta praxis. ¿Cómo romper con una lógica disciplinaria? ¿Cuáles son los desafíos para una praxis freireana? ¿Cómo aprender teoría y práctica desde una perspectiva freireana? Problematizaciones que acompañan las contradicciones de una praxis educativa desarrollada colectivamente. También se abordó la necesidad de una praxis compartida en un ejercicio docente riguroso y amoroso, en busca de perspectivas para la formación de docentes para la Educación Básica.

Palabras clave: Formación docente; Educación básica; Principios éticos freireanos.

Um pouco de história

A atuação como professora, na formação de professores/as da Educação Básica, nos Cursos de Licenciatura, inicia-se no ano de 1998, na Universidade Federal de Goiás. Minha experiência anterior se deu na Educação Básica, o que também muito contribuiu para ser e estar a professora de hoje.

Apesar desse tempo de docência na Educação Superior, a minha busca e meu encontro com Paulo Freire se deu por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em 2003, com o início de meu doutoramento. Já relembrei em outro artigo (COIMBRA, 2021) que, desde então, tenho trilhado caminhos de compartilhamento e de constante curiosidade sobre a importante materialização de um dos saberes necessários à prática educativa: ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo (FREIRE, 1996).

Ao compreender a dialogicidade destes saberes em movimento em uma perspectiva progressista, em uma educação libertadora para a transformação de nossa sociedade, em defesa da democracia, uma questão inquietante, torna-se a práxis educativa, a nossa “solidariedade” em uma ação de “práxis autêntica”. Assim diz Freire (1970, p. 21) em *Pedagogia do Oprimido*: “somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica”. E continua a definir:

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a **práxis**, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1970, p. 72, grifo nosso)

Nesse movimento da práxis, uma das dimensões do ser humano, em uma perspectiva freireana¹, trago a música “Andança” de Danilo Caymmi, Edmundo Souto e Paulinho Tapajós (1969),

*Rodei de roda, andei
Dança da moda, eu sei
Cansei de ser sozinha.*

O trabalho coletivo, a práxis autêntica na docência universitária é um caminho possível, mas cheio de rodas, de modismos, de individualidades que precisamos romper, denunciar e anunciar as possibilidades de uma práxis educativa em uma lógica progressista. Esse é o movimento desse relato de experiência, talvez uma busca incessante, um movimento sem fim que identifica a curiosidade epistemológica presente na professora formadora que a transforma em uma permanente aprendiz, na busca permanente de inéditos viáveis:

¹ Em Coimbra (2021), explico: “assumo minha rebeldia e a radicalidade necessária ao utilizar freireano, por respeitar a raiz (a ideia de enraizamento de Freire, presente em *Educação como prática da liberdade*) do nome, a identidade, a história, a cultura, o tempo de quem estamos adjetivando, subjetivando, dando sentido e significado ao nome que designa um educador como Paulo Freire. [...] Defendo, assim, que usemos o freireana/freireano por ser uma transgressão à linguagem, como poder de mudança de uma forma de escrita para uma dimensão concreta da politicidade, conceito-chave para entender Freire” (COIMBRA, 2021, p. 130).

O inédito viável é, na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um percebido destacado pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. (ARAÚJO-FREIRE, 1992, p. 106)

O inédito viável, como sonho coletivo, inicia-se em 2017, quando o Núcleo de Didática da Faculdade de Educação, cria a disciplina “Princípios Éticos Freireanos”, como optativa para os Cursos de Licenciatura, com o objetivo de “compreender a importância dos princípios freireanos para a educação brasileira.” (UFU, 2017) Para tanto, a teoria crítica de currículo, dentro da pedagogia progressista, em uma perspectiva de educação libertadora, apresenta alguns princípios éticos que consideramos fundamentais para a formação profissional e humana.

Figura 1 - Card de divulgação da Disciplina “Princípios Éticos Freireanos”.



Fonte: Gabriel Ribeiro Fajardo

Em meio a uma pandemia, em 2020, fomos convocadas a participar da continuidade dessa disciplina, com os estudos freireanos para além da lógica disciplinar. Duas pessoas foram muito importantes nesse movimento que considero imperativo ético citá-las: Gabriel Ribeiro Fajardo e Leonardo dos Santos Gedraite², ambos na época, estudantes de graduação. Nesse objetivo de ampliar o formato da disciplina e dar continuidade aos estudos, criamos uma série de cinco *lives* que denominamos de “Paulo Freire vai à Universidade”, realizadas em julho e agosto de 2020, com convidados/as e temas para o diálogo freireano, como podemos ver na Figura 2.

² Todos os nomes citados nesse Relato, expressam a ideia de que uma experiência freireana é feita de muitas pessoas, muitas gentes que caminham junto. Todas as pessoas autorizaram a veiculação de seus nomes.

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS da Educação básica: por onde vai uma práxis educativa

Figura 2 - Card de divulgação da Série “Paulo Freire vai à Universidade”.



Fonte: Gabriel Ribeiro Fajardo.

Nesse movimento da Série “Paulo Freire vai à universidade”, abrimos as inscrições³ para o “Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos” (CEPF-UFU), cujas atividades tiveram início em 19 de setembro de 2020, data simbólica em que se comemora o aniversário de Paulo Freire.

Essas ações, de 2020 até 2021, estão sistematizadas em um projeto de extensão, no âmbito na Universidade Federal de Uberlândia⁴, denominado “Inéditos viáveis na formação de professores/as”, que tem como principal ação a criação do CEPF-UFU. Esse relato também conta a forma de organização e o caminho percorrido por esse Círculo, na definição de nossas trajetórias e contornos docentes, nesse pequeno espaço de tempo, mas com uma busca incessante da práxis freireana como forma de ver e ler o mundo.

³ Por meio de formulário *google*, convidamos as pessoas interessadas, que assistiam a Série, para a participação no CEPF-UFU, recebendo mais de 40 inscrições.

⁴ Projeto cadastrado no Sistema de Extensão (SIEX), sob o número: 21910. Em 2022, o Círculo transforma-se em um novo projeto de extensão com nome próprio, sob o registro 25695 no SIEX-UFU.

Enfim, essa história, registra trajetórias, utopias, esperanças e pedagogias que anunciam as possibilidades, dentro das situações-limite existentes, de construção de inéditos viáveis na práxis educativa.

O caminho da práxis: uma estrada coletiva

*No passo da estrada só faço andar
Tenho o meu amado a me acompanhar
Vim de longe léguas cantando eu vim
Vou, não faço tréguas sou mesmo assim
Por onde for quero ser seu par*

Como já anunciado, a disciplina Princípios Éticos Freireanos foi criada pelo Núcleo de Didática da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, por meio da Resolução nº 07/2016 do Conselho de Graduação, em 1º de julho de 2016. Já aconteceram quatro ofertas de turmas nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2021.

A Universidade Federal de Uberlândia⁵ conta com 15 (quinze) Cursos de Licenciatura presenciais em Uberlândia: Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Física, Enfermagem, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Música, Pedagogia, Química e Teatro.

A primeira turma, denominada Pitangueira, a segunda Jabuticabeira, a terceira turma, Aceroleira, com a mediação da Professora Diva Souza Silva e a quarta turma Mangueira, realizada sob a forma de ensino remoto, devido à pandemia⁶.

Para a realização da disciplina, contamos com várias parcerias, com referência a música que acompanha esse relato e do trecho que está na epígrafe dessa seção, “por onde for, quero andar em pares”, pessoas, espaços, dentre estes a Fundação Rádio e Televisão Educativa de Uberlândia (RTU), instituição ligada a UFU, onde utilizamos o espaço da Rádio Universitária para a gravação do “podcast” Pelejantes, da Pitangueira.

⁵ A UFU conta com 3 (três) campi fora de sede. No campus do Pontal, em Ituiutaba, também temos 7 (sete) Cursos de Licenciatura, mas a disciplina foi criada apenas para a cidade de Uberlândia.

⁶ Em uma perspectiva freireana o ensino presencial é insubstituível. A turma Mangueira vivenciou as limitações concretas do ensino remoto para uma educação libertadora.

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS da Educação básica: por onde vai uma práxis educativa

Contamos com professoras parceiras em diversos momentos da disciplina, tanto da UFU como de outras instituições. Dentre tantas, destaco três professoras:

Gercina Santana Novais, professora aposentada da UFU, possui mestrado e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2005). Hoje, professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE), líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas (FORDAPP) e Secretária de Educação do Município de Uberlândia (2013-2016). Foi deste lugar da experiência como Secretária de Educação do município que ela participou de uma roda/círculo conosco.

Diva Souza Silva, professora da Faced/UFU, doutora em Educação - UFMG (2010). Tutora PET/Conexões/Educomunicação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias, Comunicação e Educação (GTECOM). Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE). Desde que chegou à UFU, desenvolve o Café com Paulo Freire e assumiu a mediação da disciplina Princípios Éticos Freireanos, turma Aceroleira.

Nima Imaculada Spigolon, professora da Unicamp, doutora em Educação, área de concentração Ciências Sociais na Educação pela Unicamp (2014). Credenciada no programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação Escolar. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Políticas, Educação e Sociedade (GPES), ambos da Faculdade de Educação da Unicamp. Seu mestrado tratou da obra e do trabalho de Elza Freire e seu doutorado teve como objeto a obra de Paulo Freire. Pesquisadora com quem aprendo sobre Paulos, sobre Elzas e sobre a vida... (COIMBRA e SPIGOLON, 2010; SPIGOLON, 2016a e 2016b).

Pessoas e lugares que inspiram, conscientizam, materializam os princípios em práxis em pares, em conjunto, pensando coletivamente em um espaço universitário que abriga pouco tempo para as coletividades, para o diálogo, para a troca, para as aprendizagens.

Nessa perspectiva, a disciplina Princípios Éticos Freireanos foi desenvolvida em 4 (quatro) momentos. Um primeiro momento em que ocorre o encontro dos aprendentes: quem somos e o que queremos? Este momento, denominamos de “Identidades”. O segundo momento, em que trabalhamos com alguns conceitos importantes para compreensão dos princípios freireanos, denominamos de “Conceitos”.

No segundo momento, **Conceitos** são trabalhados a partir das palavras geradoras, criadas desde o primeiro momento e ampliadas neste momento com categorias freireanas: politicidade, práxis, dialogicidade, conscientização, libertação, inédito viável, educação popular, autonomia, utopia e alegria. As categorias são trazidas para a roda de conversa, entremeadas às nossas histórias, às poesias, às músicas, a dados da realidade que chegam por meio de cada um/a (COIMBRA, 2017b). Nesse movimento, cada um/a busca o seu interesse (desejo e necessidade) de leitura: qual livro de Paulo Freire gostaria de ler, frente ao que já conheceu? Não há uma referência única para a leitura, mas cada um/a escolhe o seu livro. O único combinado coletivo é que a leitura seja do próprio Paulo Freire. Este segundo momento é caracterizado pelo estudo aprofundado das palavras geradoras, por meio da aula expositiva dialogada como meio de realização do estudo de categorias importantes.

No terceiro momento, **Refazendo**, debatemos as palavras geradoras e criamos as reinvenções. Momento de partilha. Convidamos educadoras para a troca, o compartilhamento. Visitamos instituições. Para cada turma, pessoas e visitas diferentes, a depender das demandas apresentadas pelas/os aprendentes. Nesse contexto, também criamos palavras em um exercício de rever os conceitos/categorias que consideramos fundantes em uma práxis educativa progressista. Esse momento da reconstrução, do refazer dentro do “aprender junto”, objetiva construir a partir de nossa identidade, a relação com o outro, mediatizados/as pelo mundo.

No quarto momento, denominado **Síntese**, cada aprendente faz a socialização de sua leitura e a respectiva materialização. A partir da leitura, aproximada aos saberes de cada um/a, fazemos a socialização e a respectiva materialização. A pergunta problematizadora desse momento: como a leitura do livro impactou na sua leitura de mundo? As materializações são o momento criativo do processo. Acontece de forma individual e coletiva, indissociavelmente. Qual leitura de mundo e da palavra trago para a turma? Qual síntese podemos fazer destes conhecimentos e aprendizagens construídos?

Para dar sentido a todos os princípios, objetivos e finalidades da disciplina Princípios Éticos Freireanos, adotamos a aula expositiva dialogada (COIMBRA, 2017a), como estratégia de ensinagem para as aulas. São 60 horas-aula ao longo do semestre, com um encontro semanal. A aula expositiva dialogada nesta perspectiva, considera como princípios: a dialogicidade e a problematização (FREIRE, 1996, 1992), os sujeitos aprendentes, o processo de ensinagem (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002), o conceito de aula operatória (RONCA; TERZI, 1995) e por fim, a metodologia dialética (VASCONCELLOS, 1995), especialmente em seus três momentos: mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e síntese do conhecimento. Articular essas dimensões em uma proposição da menor unidade de sentido, que é a aula, é sempre um desafio. Para isso, a práxis educativa inspira, problematiza, reflete, constrói e sintetiza. Tenho refletido sobre isso como professora do Núcleo de Didática o que me fez escrever esses passos para a aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana (COIMBRA, 2017a).

Essas aulas expositivas dialogadas contribuem para a construção da autonomia, onde as/os aprendizes assumem o protagonismo de compartilhar as aprendizagens feitas a partir de sua leitura do livro e depois na criação da materialização e na construção da síntese coletiva. Uma “Pedagogia da Autonomia” em ação, espera-se, compromete-se, assume-se em uma práxis educativa libertadora.

O que-fazer de uma práxis: meu olhar em festa

*Olha a lua mansa se derramar
Ao luar descansa meu caminhar
Meu olhar em festa se fez feliz
Lembrando a seresta que um dia eu fiz
Por onde for quero ser seu par*

O que-fazer da disciplina Princípios Éticos Freireanos, em uma perspectiva progressista, são transformados em saberes necessários à prática educativa, como Freire (1996) anuncia em “Pedagogia da Autonomia”. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender. Essa ideia de transformar a práxis em um processo

permanente e contínuo de aprendizagens trouxe a materialização de alguns saberes, os quais foram trabalhados no campo teórico, mas também e conjuntamente no campo da vivência da disciplina, o que se materializou, assim, na práxis, onde a teoria funde-se e confunde-se com a prática. Ao serem apresentados, eram identificados e materializados de alguma forma para que aprendentes pudessem experienciar cada um dos saberes. Por isso, foram organizados a partir de alguns dos saberes necessários à prática educativa.

1. Ensinar exige respeito aos educandos, criticidade, estética e ética (FREIRE, 1996). Responsabilidade e compromisso ético-político: diz respeito ao compromisso de cada um/a de nós com a formação de professores/as, não só com a disciplina e aprendentes, mas com o exercício profissional que exige um posicionamento crítico e um compromisso social, em uma sociedade tão desigual como a nossa. Esse olhar sensível, crítico e ético foi compreendido como um dos conteúdos importantes a serem trabalhados.

2. Ensinar exige saber escutar (FREIRE, 1996). Diálogo: ser transparente nas intenções, ações e comunicações, ouvindo e falando, respeitando e reconhecendo os sujeitos aprendentes. Condição para a existência da sala de aula em uma organização circular.

3. Ensinar exige autonomia ao ser do educando (FREIRE, 1996). Autonomia e respeito às diferenças: o que nos diferencia (nossas experiências de vida, nossos saberes, nossas reflexões, nossos valores etc.), por isso várias formas de registro. Procurar valorizar o que cada um/a traz em sua experiência de vida, em suas reflexões, para ampliar o aprendizado do coletivo. Valorizar os diferentes saberes trazidos pelos aprendentes para uma construção coletiva do processo de ensino-e-aprendizagem-e-avaliação. Essa compreensão fez com que, mesmo com objetivos (pré)-definidos, cada turma desse o contexto e a forma como estes objetivos seriam alcançados.

4. Ensinar exige liberdade e autoridade (FREIRE, 1996). Participação: envolver todas/os no processo de decisão e escolha dos livros para leitura, bem como a forma de materializar nossas leituras. O desenvolvimento e as decisões sobre o que e como são compartilhadas. Alguns princípios foram assumidos em todas as turmas: a) ler, no

mínimo, um livro de Paulo Freire; b) conhecer uma instituição educativa do município (no tempo presencial); c) criar uma forma de materialização da leitura e d) construir, coletivamente, a síntese das aprendizagens coletivas.

5. Ensinar exige disponibilidade para o diálogo (FREIRE, 1996). Avaliação formativa: pedagogia do diálogo e conflito – a avaliação aconteceu ao longo do processo, de forma diversificada, entre as/os aprendentes. Cada um aprendeu de uma forma e isso não foi traduzido por meio de notas. Nos combinados iniciais da disciplina, alguns descritores avaliativos foram definidos coletivamente: a) Fazer a crítica de forma respeitosa e apontar propostas (denúncia/anúncio); b) Participar das responsabilidades como aprendente da turma; c) Refletir sobre o ponto de partida e o ponto de chegada (individual e coletivo); d) Esperançar sair melhor do que entramos e, para isso, estarmos abertos às críticas e, principalmente, às propostas de aperfeiçoamento; e) Ouvir o outro. O envelope para guardar as “coisas importantes” e os registros por aula demonstram o que-fazer de cada um, para que as reflexões e as provocações sejam efetivamente os diálogos mediatizados pelo mundo e pelo outro. Nos tempos de ensino remoto, os envelopes foram o *padlet*⁷.

6. Ensinar exige consciência do inacabamento. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado (FREIRE, 1996). Reconhecer que somos seres inacabados e incompletos. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob a pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1967, p.104). As visitas às histórias de cada aprendente instalam essa possibilidade concreta de um vínculo afetivo importante em um processo de ensinagem.

7. Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível (FREIRE, 1996). O círculo, como forma de organização da sala de aula presencial, rompe com uma

⁷ O Padlet foi criado por uma *startup* de tecnologia educacional norte-americana que leva o mesmo nome como uma ferramenta voltada para organização. Baseada em computação na nuvem, sua plataforma *online* torna os usuários mais produtivos por meio de quadros e murais que podem ser de grande ajuda em projetos colaborativos. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/01/14/tira-duvidas/padlet-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>.

estrutura hierarquizada de ensinagem e faz com as pessoas, os conhecimentos, as experiências circulem entre nós. Por isso, Freire denominava Círculo de Cultura. O lugar do encontro.

8. Ensinar exige alegria e esperança (FREIRE, 1996). Os chás compartilhados. Uma mesa coletiva montada no centro da sala/círculo com a participação de todos/as. Parece algo tão insignificante/simples aos olhos de quem não está imerso no processo, mas quem está envolvido compartilha os sabores, os tempos e os momentos de degustação da aprendizagem. Não há tempo cronológico para a aprendizagem e a troca feitas em sala de aula. Por isso, começamos e terminamos um processo, em que o chá que esquentava é o mesmo que mobiliza os afetos e os conflitos necessários à práxis educativa. Cria-se um vínculo afetivo com aquilo que faz sentido para a Turma. Por isso, instalamos uma mesa com chás diversos e água quente no centro do círculo, para uso permanente e irrestrito.

9. Ensinar exige o reconhecimento e a assunção e da identidade cultural (FREIRE, 1996). Identidade e pertencimento das (dos) aprendentes que criam e elaboram um vínculo afetivo com a turma. As trocas por meio dos diversos registros: o círculo, o chá, o bonsai (procedimento criado para a criação de um vínculo afetivo nas turmas). Tudo isso cria um vínculo de busca de nossa identidade em um coletivo. Um lugar em que podem refletir sobre aquilo que pensam e aquilo que são. A relação eu e o outro. Partir de nossa realidade, a partir de nossa identidade. A aula começa com a escuta de aprendentes que contam os seus registros.

10. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996). A ampliação da leitura de mundo ou de sua visão inicial para a visão ampliada com a visão do outro e a construção do conhecimento que se realizam “na superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo” (FREIRE, 1996, p. 46). As problematizações criadas propiciaram algumas mudanças, transformações? Por quê? Em quê? Como? Quais leituras foram feitas? Por quê? Quais diálogos foram realizados?

11. Ensinar exige pesquisa. Ensinar exige rigorosidade metódica (FREIRE, 1996). Assunção de seu lugar no mundo e de suas concepções também configuram um espaço/tempo importantes. Vale destacar o movimento, as reflexões e críticas realizadas, em uma perspectiva de construção do conhecimento. O papel da formação também é de ampliar conceitos, possibilitar fundamentação, avançar e não permanecer apenas no senso comum, por isso a importância dada ao conhecimento científico produzido pela sociedade. O ponto de partida é o que sabemos, mas o ponto de chegada não pode ser o mesmo. Há, necessariamente, que acontecer aprendizagens no campo científico e humano.

12. Ensinar exige criticidade. Ensinar exige curiosidade (FREIRE, 1996). A criatividade é fundamental e pode expressar as aprendizagens. Pode-se utilizar várias linguagens e formas de representar as aprendizagens. As perguntas ou problematizações são: O que aprendi? Como aprendi? Por que aprendi? Qual a relação/sentido que isso faz? Qual a importância para a formação profissional?

Doze saberes que transitam, alteram-se na relação com cada turma, com cada realidade em cada contexto. Dançar com esses saberes faz parte da partitura do currículo construído junto, quando o compromisso, a esperança e o diálogo são eixos estruturantes. “*Por onde for, quero ser seu par*”. As categorias freireanas ancoram os saberes que implicam em uma práxis (COIMBRA, 2017b).

Para acompanhar os quatro momentos e os saberes que gravitam nas aulas expositivas dialogadas em uma perspectiva freireana, são criadas formas de registrar esse movimento dialógico da disciplina, sendo estes a seguir descritos.

1. Um caderno (*padlet*): Ensinar é... aprendi o quê?

As perguntas mobilizadoras para esse registro foram: o que aprendemos com o outro? Quais valores? Quais atitudes? O que importa? O que me move? A ideia é que nesse registro, possamos escrever ou registrar os valores, o que aprendemos por meio dos exemplos e das pessoas que tivemos a oportunidade de conviver. Um princípio para esse registro foi a compreensão de nossos saberes que são oriundos de nossas

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS da Educação básica: por onde vai uma práxis educativa

experiências, vivências, decepções, amores, rancores e trajetórias pessoais e sociais. São valores que nos constituem, que são importantes para a práxis educativa, que não aprendemos no sistema regular de ensino, mas com a avó ou avô, com o vizinho ou vizinha, com a tia ou o tio, com os pais, mães, dentre outros.

Figura 4 - Fragmento: Ensinar é... aprendi o que?



Fonte: Camila Lima Coimbra.

2. Um caderno (*padlet*) de registro: o que a aula plantou em você?

Um exercício de reflexão individual de registro livre e criativo. Essa atividade não é simplesmente a descrição de todas as atividades que aconteceram na aula, mas a forma como cada um/a sentiu/viveu/experenciou/plantou aquela aula.

Figura 5 - Fragmento: O que a aula plantou em você?



Fonte: Camila Lima Coimbra.

A riqueza dos registros de cada um/a e sua forma de aprender na disciplina. Músicas. Reflexões. Paixões. Vivências expressas de diversas formas que podemos registrar. O escutar e o olhar sensíveis foram o princípio. Cada participante registrou a seu modo, com sua ternura e sua cor, a partir do que cada aula significa/planta. São registros sérios, alegres, encantadores, representativos de um grupo que vai se constituindo. Cada momento desse, respeitado como único no meio do universo de

coisas que gostaríamos de vivenciar e ver em uma relação comprometida com o educar e o aprender. Cada palavra, gesto, emoção e canção registrados sob olhar diverso em busca de nos tornarmos “mais gente”.

3. Nosso bonsai: inspirações.

O bonsai participa do primeiro dia das Turmas. Levamos junto, um trecho de uma entrevista de Freire em que ele diz:

Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo. E aí você é tão jabuticabeira quanto a jabuticabeira. (FREIRE, 2017)

Iniciamos, desde a primeira semana a esperança em não nos tornarmos “jabuticabeiras”. O rodízio de cuidados ao longo do semestre com o bonsai, pode significar o que esquecemos de fazer com o outro. Cada um que o leva, traz uma informação sobre o bonsai para o nosso círculo. Ao final, plantamos o bonsai na Universidade com uma placa criada e produzida por cada uma das turmas. Duas turmas nomearam os bonsais. Para a Turma Pitangueira, "Paulinho". Para a Jabuticabeira, “Elza”.

Figura 6 - Plantio do bonsai da Turma Jabuticabeira.



Fonte: Camila Lima Coimbra.

4. *Podcast* Pelejantes.

Na turma Pitangueira, ao final da disciplina, criamos a ideia, na síntese, de produção e gravação de um *podcast* com as aprendizagens realizadas ao longo do semestre. O nome Pelejantes foi definido pelos/as aprendentes.

Cada passo, cada planejamento foi construído pelas/os aprendentes, com as mediações importantes, tais como o acesso à Rádio Universitária, disponibilizando o estúdio para a gravação do Podcast. Foram gravados cinco programas, a partir de palavras geradoras e de um cordel: Autonomia, Inédito viável, Liberdade, Alegria e Utopia. Para cada Programa de uma palavra geradora criamos um roteiro coletivo.

1. Cadiquê? Parte em que se explica o porquê desta palavra geradora, quem são os participantes do Programa. Por causa de que este tema?
2. Uai? Óia o que vem na realidade. Momento em que explicamos qual a relação do tema/palavra geradora com a realidade.
3. Nuuuu... falas freireanas sobre o tema... Trechos e leituras freireanas são trazidas para fundamentar a palavra geradora do *podcast*.
4. Pelejando na realidade: poesias e filmes. Indicações de poesias, filmes e obras que inspiram a palavra geradora.
5. Toma um chá cumnois? Angústias, vivências, experiências em uma perspectiva progressista. Momento de síntese em que as experiências com a palavra geradora são compartilhadas.

Figura 7 - Logo do Podcast Pelejantes no *Spotify*.



Fonte: Felipe Menegheti.

5. Linha do tempo musicada.

Na turma Jabuticabeira, o primeiro momento, da linha do tempo freireana e das/os aprendentes foi muito significativa, na construção do momento “Identidades” e decidimos criar outra forma de síntese coletiva: a criação de uma linha do tempo musicada.

Para síntese das aprendizagens, construímos linhas do tempo de significados em nossas trajetórias e, a partir disso, identificamos as músicas que fizeram parte dessas memórias e tempos vividos. Cada aprendente construiu a sua trilha sonora no *Youtube* e compartilhou com a turma.

Figura 8 - Linha do Tempo no YouTube.



Fonte: Aprendentes.

A partir de uma coerência epistemológica, a avaliação formativa, como parte dessa práxis educativa, corresponde a um processo de ensinagem, implica em uma lógica incluyente, reflexiva e processual. Isso coaduna com os princípios já expressados em relação à função da educação e à compreensão da sala de aula como espaço de formação, interação e aprendizagens.

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS da Educação básica: por onde vai uma práxis educativa

O movimento do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos: um bem querer

*Já me fiz a guerra por não saber
Que essa terra encerra o meu bem querer
Que jamais termina o meu caminhar
Só o amor me ensina onde vou chegar*

O Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEPF-UFU) inaugura suas atividades em 19 de setembro de 2020, no dia do aniversário de Paulo Freire, com o projeto de extensão, denominado “Inéditos viáveis na formação de professores/as”, que anuncia:

Este projeto surge, assim, das experiências inquietantes que vivemos na docência. Não sabemos viver de forma morna ou fria. Sabemos ser intensas e intensos. Isso nos provoca a estar em movimento. Não negamos, em alguns momentos, cansamos. Mas no encontro com o outro, conseguimos nos convencer da continuidade única de viver da forma em que cada palavra e gesto pulsem um coração, parafraseando Clarice Lispector. Não sabemos viver no modo letargia e nem no modo omissão. Somos passagem por um mundo em que queremos VIVER, CONVIVER, APRENDER, RESISTIR e LUTAR. Nada disso é beleza pura ou romantismo da educação, mas sim, um convite ao COMPROMISSO, a ESPERANÇA e ao TRABALHO. (UFU, 2020, p. 1)

O CEPF-UFU, desde o início funciona aos sábados de forma remota, quinzenalmente e compõe-se de gente de muitos lugares do país: Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro e Paraíba. 60% de estudantes de graduação e pós-graduação, 15% de Professores/as universitários e 15% de Professores/as da Educação Básica. 10% de outros profissionais.

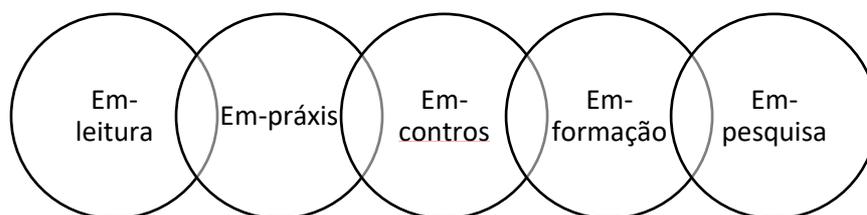
Sonho projetado e, em sua existência, como isso acontece nesse movimento da práxis autêntica? Um desenho metodológico foi pensado no Projeto e isso foi o ponto de partida para o “pensar junto”. Para o trabalho nestas três dimensões, alguns princípios freireanos estão presentes.

A **identidade cultural** em que estão concentradas as ações que discutem as identidades docentes. Como nos constituímos como pessoas e profissionais? A **leitura de mundo**, com a finalidade de ampliar a nossa leitura da palavra, atravessada pela realidade. A problematização, como espaço educativo que implica conflito, esperança, transformação. Surge no encontro das identidades e a

realidade. Neste encontro, construímos as autonomias, registramos um “jeito de pensar” construído nesse encontro entre as Identidades e as leituras de mundo. O que fazemos após o conflito, mediatizado pelo diálogo, na realidade? Quais pensamentos construímos? **Registros** do “Jeito de Pensar Docente”, uma ideia em que estas reflexões sejam sistematizadas e possam ajudar nas nossas práxis. Compartilhar com o outro, dividir, é uma forma de viabilizar o encontro. (UFU, 2020, p. 9, grifos do Projeto)

O jeito de pensar docente inicial modifica-se, pois incorpora os jeitos de pensamentos docentes, no plural, com gentes, com utopias verdadeiras na construção de um grupo que pretende viver a coerência. Assim, construímos um caminho metodológico, em que os tempos e espaços foram organizados para a realização de um movimento que incorporasse as leituras de mundo, as identidades, as diversidades, por meio do diálogo (COIMBRA, 2021).

Figura 9 - Caminho metodológico do CEPF-UFU.



Fonte: CEPF-UFU.

Em cada tempo-espaço entrelaçado de nossas histórias fomos definindo cada tempo. O **Em-leitura** é o tempo da leitura freireana, a escolha e a forma de sairmos da leitura da palavra para a leitura de mundo é sempre um desafio para esse momento. O **Em-práxis**, momento de trazer a palavra-ação para o diálogo, onde as pessoas do próprio Círculo se apresentam a partir de sua práxis. O tempo de **Em-contros**, quando convidamos outras pessoas que estudam, que pesquisam, que vivenciam os princípios freireanos para o diálogo. O **Em-formação**, um tempo para nossa formação e para formação de outres, nossa relação com o outro acontece nesse espaço. E por fim, o **Em-pesquisa**, para que possamos construir uma investigação coletiva, sermos também um

espaço para que a pesquisa sobre e com Paulo Freire ocorra de forma permanente e contínua. Não há uma ordem, não há limites e nem amarras para que isso ocorra. O Círculo gira em espiral, percorre os princípios, percorre os objetivos, inclui outros tantos que se fazem na presença inspiradora de gentes com seus jeitos e seus pensares sobre e com o Paulo Freire (COIMBRA, 2021).

O essencial como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, **precisa de ancorar-se na prática**. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se **concretude histórica**. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, p. 5)

Para dar concretude histórica, ou vivenciar uma práxis autêntica, temos dois momentos de planejamento dialógico que denominamos de “Planejamento Circulante” e “Com-par-trilhar” realizados no início e no final de um semestre, com a avaliação, a análise, os desejos, os querereres e os objetivos que são traçados de tempo em tempo. Uma premissa que tem sido perseguida é a necessidade de estudarmos e vivenciarmos a perspectiva freireana, por isso e com isso, a práxis seja essa categoria estruturante.

Um exemplo de práxis autêntica, em busca de uma coerência, talvez seja a materialização dessa utopia verdadeira, de uma história que é construída nessa realidade concreta e, por isso, construída por nós. Esse é o primeiro instante e outros deles existirão. Assim nos constituímos como sujeitos e “fazedores” de história. Como retrata a música da epígrafe “só o amor ensina onde vou chegar...” As relações vão se constituindo de afeto, de esperança, de muito trabalho e de um compromisso com a transformação da realidade em que possamos denunciar e ao mesmo tempo anunciar nossas utopias e nossos sonhos.

Considerações Finais: quero ser seu par...

*No passo da estrada só faço andar
Tenho o meu amado a me acompanhar
Vim de longe léguas cantando eu vim
Vou lá faço trégua sou mesmo assim
Por onde for
Quero ser seu par...*

Tanto a disciplina Princípios Éticos Freireanos como o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos consideramos **inéditos viáveis** na formação de professoras (es). Se os/as aprendentes compreendem os porquês de seu aprendizado, se o/a colocamos como definidores junto deste processo, a forma de participação é diferente. A autonomia se constrói, de fato, nesse processo.

Estas experiências, ao longo desses anos, fizeram com que esteja convencida a afirmar que o currículo, organizado em grades, na formação de professoras (es) para a Educação Básica, precisa ser “quebrado”. Transformar a formação implica em transformar currículos em espirais, em que estudantes não sejam meros espectadores de sua formação. Ainda temos uma “educação bancária”, uma formação conteudista, fundamentada em um modelo de racionalidade técnica, especialmente centrada na história da ciência moderna, em uma concepção eurocêntrica. Como criar insurgências curriculares? Penso que para romper com uma educação bancária, uma escola bancária, uma universidade bancária, é importante que a formação, na universidade, assuma a práxis como eixo formativo do currículo, que nossa ciência aborde as concepções decoloniais, onde possamos nos reconhecer, onde estão as nossas raízes.

As ações de ensino, pesquisa e extensão, dimensões da Universidade, conjugam os verbos na perspectiva de criar, transgredir, propor, denunciar, anunciar, registrar, aprender o que-fazer docente a partir de uma perspectiva freireana em que possamos abrigar os espaços, as pessoas e os tempos institucionais para construção dos saberes necessários à práxis educativa.

Finalizo esse relato, lembrando da quantidade de “coisas” que ficaram de fora, que não cabem na linguagem escrita, que não cabem nas palavras, que são as linguagens

do afeto, do gesto, do toque, da sensibilidade, da **amorosidade** freireana, das trajetórias de cada um/a que formula esse caminho teórico-metodológico. Freire (1996) diz da leitura de mundo e eu acrescento a essa a leitura de gentes, gentes que buscam, além de aprender, o **ser mais** freireano. Como sujeito deste mundo, desta concepção crítica, compreendo-me como uma constante e permanente aprendiz.

A construção dessa disciplina e a mediação do CEPF-UFU são os **inéditos viáveis** que conseguimos construir no contexto e com as situações-limite que presenciamos. A esperança é que esse relato de experiência seja a convicção de que a mudança é possível. Uma educação libertadora na formação de professores/as é possível, por isso precisamos repensar as estruturas curriculares dos cursos de licenciatura, que são muito enrijecidas, em função de muitos componentes obrigatórios e sem sentido aos aprendentes. Re-pensar uma formação de professores/as significa também reinventar a nossa escola pública.

A defesa de um projeto de formação de professoras/es implica na defesa de um projeto de sociedade. Freire (1996) aponta alguns saberes importantes para esta transformação. Como seria um currículo organizado a partir dos saberes da “Pedagogia da Autonomia” ou da “Educação como prática da liberdade”? Uma educação que liberte, uma educação que tenha a práxis como eixo educativo, a partir dos “temas geradores” e de “inéditos viáveis” construídos em experiências desses/as sujeitos fazedores/as de história?

Enfim, educar não é criar uma fórmula mágica, única e exclusiva, mas sim criar um espaço e um tempo para que a criação, a autonomia e a sensibilidade humanas possam existir. Considero assim, que Freire poderia habitar mais os currículos dos Cursos de Licenciatura no Brasil, poderia ser o par dialógico nesse projeto de formação de professores/as sonhado por nós, progressistas. Ao contrário de expurgá-lo, deveríamos referenciá-lo. Deveríamos convidá-lo, pois “*por onde for, quero ser seu par...*”.

Referências

ARAÚJO-FREIRE, Ana Maria. Notas. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CAYMMI, Danilo.; SOUTO, Edmundo.; TAPAJÓS, Paulinho. *Andança*. 1969. In: <https://open.spotify.com/artist/56TkPi7rpmU8jTpkcK7FY3?si=Z28hrcn4R4qqqce58ZbdPQ> Acesso em: 09 fev. 2022.

COIMBRA, Camila Lima. A (in)completude da práxis no pensamento freireano. In: PAIXÃO, Alexandro H.; MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima I. (Orgs.) *Centelhas de Transformações - Paulo Freire e Raymond Williams*. 1. ed. — São José do Rio Preto, SP: HN, 2021.

COIMBRA, Camila Lima. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem*. São Paulo: Atlas, 2017a.

COIMBRA, Camila Lima. Categorias freireanas na práxis. *e-Mosaicos*, v. 6, p. 55-67, 2017b.

COIMBRA, Camila Lima e OLIVEIRA, Eliana de. Qualidade da educação em Paulo Freire. In: COIMBRA, Camila Lima. Et. al. (Orgs.) *Qualidade em educação*. Curitiba, PR: CRV, 2011.

COIMBRA, Camila Lima; SPIGOLON, N. Inspirações e práxis freireana: contribuições de Elza Freire para o diálogo e a convivência. *Caderno de Textos do GEPEJA (UNICAMP)*, v. 01, p. 78-86, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Entrevista*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo> Acesso em: 29 out. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

O INÉDITO VIÁVEL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS da Educação básica: por onde vai uma práxis educativa

RICHTER, L. M. COIMBRA, Camila Lima; VALENTE, L. F. . O Círculo de Cultura como prática pedagógica no curso de Pedagogia: uma experiência formativa. In: VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, 2008, São Paulo. *Anais/programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. p. 01-91.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. *A Aula Operatória e a Construção do Conhecimento*. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995.

SPIGOLON, Nima Imaculada. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire uma vida que faz educação*. Jundiaí, Paco Editorial: 2016a.

SPIGOLON, Nima Imaculada e CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves (Orgs.). *Círculos de cultura: teorias, práticas e práxis*. Curitiba: CRV, 2016b.

UFU. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Resolução nº 07/2016 do Conselho de Graduação*, em 1º de julho de 2016. Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

UFU. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Ficha da Disciplina: Princípios Éticos Freireanos*. Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

UFU. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Projeto de Extensão: *Inéditos viáveis na formação de professores/as*. Sistema de Informação de Extensão e Cultura. Registro: 21910. Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

UFU. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Projeto de Extensão: *Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos*. Sistema de Informação de Extensão e Cultura. Registro: 25695. Universidade Federal de Uberlândia, 2022.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. *AEC*, v. 21, n. 83, abr./jun. 1995.

Recebido em: 10 fev. 2022.
Aprovado em: 16 mai. 2022.

* **Camila Lima Coimbra** é Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e coordenadora do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF-UFU). Coordenadora da Anfope em Minas Gerais. Vice-coordenadora do GT8 (Formação e Professores) da ANPEd-CO.

E-mail: camila.coimbra@ufu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7755-9473>
